

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM

19 a 21 de novembro de 2019

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Gênero, identidade e cultura

ENTRANDO NA RODA

**RELAÇÕES DE GÊNERO NO MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER
EM BELÉM-PA**

Luana de Nazaré Pinto Pena –

Universidade da Amazônia

Dr^a Rachel de Oliveira Abreu –

Universidade da Amazônia

RESUMO

A pesquisa analisa o papel das mulheres participantes do Movimento Capoeira Mulher, e busca compreender as relações de gênero ali existentes. O movimento foi idealizado para dar visibilidade à participação feminina na capoeira do estado do Pará, visto que, desde sua formação existem disparidades entre homens e mulheres no ambiente desta prática, como ausência de “Mestras”. A pesquisa apresenta a arte cultural e o início da participação feminina na capoeira belenense, apresentando as relações de gênero assimétricas nas rodas e as relações de poder envolvidas neste universo, remontando a trajetória do Movimento Capoeira Mulher e sua importância para construção de representatividade feminina nas rodas de capoeira.

Palavras-Chaves: Gênero. Capoeira. Movimento.

ABSTRACT

This works analyzes the role of women in the Capoeira Mulher Movement, and tries to understand and explain the gender relations existing there. The movement was designed to give visibility to female participation in capoeira of the state of Pará, Brazil, considering there are gender disparities between men and women in the capoeira environment, as well as a lack of "Mestras" (female master teachers). This research presents the cultural art of this practice and the beginning of female participation in capoeira in Belém, capital of Para State, presenting the asymmetrical gender relations in the Rodas de Capoeira (capoeira's round dance style) and the power relations involved in the capoeira universe, dating back to the trajectory of the Capoeira Mulher Movement and its importance for female representativeness in the Rodas de Capoeira.

Keywords: Capoeira. Gender.Movement

Luana de Nazaré Pinto Pena é bacharela e licenciada em Ciências sociais (UNAMA). Email: luanappena@gmail.com

Drª Rachel de Oliveira Abreu (UNAMA). Email: rachelufpa@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar a etnografia realizada por mim como parte de minha pesquisa para o trabalho de conclusão de curso em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais apresentado à Universidade da Amazônia, onde meu objeto de pesquisa foi o Movimento Capoeira Mulher existente no estado do Pará há 16 anos. Porém, a participação da mulher nesta atividade vem sendo registrada desde o século XIX na cidade de Belém

Para Mauss (1974) em seu texto “As técnicas do corpo” enumera essas técnicas de acordo com as fases da biografia do ser humano, passando pela infância, adolescência e vida adulta. Na seção da infância ele a divide em três partes: Criação e alimentação da criança, desmama e a criança após a desmama, e ele afirma que ela passando por todas essas fases aprende técnicas de relaxamento e de respiração. Já na seção da adolescência o autor afirma que é a fase essencial para aprender as técnicas de conservação do corpo para a vida adulta. Por fim, na seção onde fala sobre a vida adulta, o autor divide-a em técnicas do sono, técnicas da vigília, técnicas do corpo em movimento, técnicas dos cuidados do corpo, técnicas do consumo, técnicas da reprodução e por fim, técnicas da medicação.

Este panorama que corresponde ao “programa social” para mulheres da época pode ser percebido no trecho abaixo correspondente à uma parte de um artigo publicado em abril de 1898, em Belém do Pará, no Diário de notícias:

[...] a mulher é formosura que em tudo sofre a caridade que tudo cura, a fé que comunica perpetuamente com o céu, a virtude benéfica, a santa poesia do lar, o anjo que se inclina sobre o berço e sobre o leito da dor, e deposita com suas lágrimas o orvalho do céu em nossa vida, o espírito de ordem, de economia, e de consolação de todas as dores, o sorriso celeste, o bálsamo que tira todo o veneno às feridas da existência, a oração que de contínua levanta a família a Deus, e enche de harmonia e virtude todo o lar, é o pensamento e o amor, a razão e a fé, a ciência e a poesia. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, 14 abr. 1898. P.1. *Sob a epígrafe A família* apud OLIVEIRA et. al 2009, p. 139).

Qualquer mulher que fugisse desse programa era vista como desordeira pela sociedade. Muitos artigos de jornais da época retratavam os ditos maus comportamentos de mulheres, incluindo as praticantes de capoeira; em

produções literárias os já citados comportamentos também podem ser encontrados, como pode ser visto no trecho abaixo, retirado da obra Belém do Grão Pará, do autor paraense Dalcídio Jurandir:

[...] e avançando pelo beco, deu com aquela mulher escura, magra, descabelada que gesticulava e distratava. Logo aparecia outra, meio velhusca, que tentava acalmar a magra, nas boas palavras, nos bons modos. Qual! A descabelada passou a saltar na frente do outra como jogador de capoeira. E não é que de repente levanta o vestido sujo e roto, que era a sua única roupa? Tropeçou, caiu, se ergueu, legeira, para fazer o mesmo cinema, repetidamente [...] (JURANDIR, Dalcídio. Belém do Grão Pará. São Paulo: Martins, 1960. P. 36 – 37).

Na contemporaneidade, a presença mulher deixou de ser vista como novidade nos grupos de capoeira e nas rodas, a novidade é o fato da sua atual representação numérica e qualitativa: ou seja, o fato delas representarem hoje boa parte dos praticantes de capoeira, indica, que tanto os grupos, mestres, contra-mestres não podem ignorá-las, ou mesmo em reduzir seus papéis, e na participação das práticas e atividades dessas organizações.

Esta pesquisa se faz necessária, pois é perceptível a massividade masculina nos diversos grupos de capoeira existentes na cidade de Belém, em detrimento da participação feminina. A partir desta inquietação, com a ajuda de dados históricos se terá o diálogo com o presente papel da mulher na capoeira na cidade de Belém, onde se perceberá se a visão da sociedade perante esta prática exercida pelo gênero mudou ou não dentro e fora das rodas.

No estado do Pará não existia mestra de capoeira até que em 22 de novembro de 2016 em uma roda de conversa realizada no Iphan sobre gênero na Capoeira, Rosângela Costa Araújo (Mestra Janja) nomeou a idealizadora do Movimento Capoeira Mulher como a primeira mestra de capoeira do estado. Por qual motivo, entretanto, esse título nunca havia sido conquistado por uma mulher, já que o título de mestre se consegue com o reconhecimento do mestre mais antigo do grupo? Aqui reside minha inquietação para a realização desta pesquisa.

Para a realização desta pesquisa foram utilizados métodos das ciências sociais como a pesquisa bibliográfica e a etnografia, onde como auxílio utilizei a

pesquisa de campo e a história oral, já que este trabalho é pioneiro na historiografia do Movimento Capoeira Mulher.

No que consiste a pesquisa bibliográfica Marconi e Lakatos (2003) afirmam que ela abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

A etnografia, método também utilizado nesta pesquisa foi definida por Malinowski, que realizou um importante trabalho de campo na Nova Guiné de 1914 a 1918 e assim revolucionou a questão metodológica nas Ciências Humanas. É importante ressaltar que diferentemente do que foi realizado por Malinowski, fiz uma etnografia urbana que para Guber significa:

A etnografia urbana olha, assim, 'de perto e de dentro' tentando captar, mediante a experiência do trabalho de campo prolongado ou da 'frequência profunda', a perspectiva dos próprios nativos urbanos (transeuntes, moradores, usuários, sujeitos políticos como associações de bairro etc.) em relação a como transitam, como usufruem, como utilizam, como estabelecem relações. Então, os resultados da etnografia urbana (e suas narrativas) são muito diferentes das realizadas a partir apenas da observação (mesmo que se trate de uma "observação encarnada"), porque usar tão somente a observação gera um discurso subjetivo, enquanto que fazê-lo através da observação-participante produz intersubjetividade. O que a etnografia urbana reflete é esta intersubjetividade, este discurso a partir de uma relação, como bem expressou Viveiros de Castro, e não a subjetividade do pesquisador, isto é, as revelações intimistas do autor, suas próprias sensações, seu Eu. O trabalho de campo é concebido como uma experiência de imersão subjetiva, produtora de uma intersubjetividade. (GUBER, 2005 apud URIARTE, 2012, p. 181)

Como auxílio para a realização desta etnografia utilizei o método da história oral já que não há documentos escritos sobre o movimento. Essa história oral será coletada através de entrevistas gravadas com roteiro definido

e perguntas semi estruturadas para que não haja indução nas respostas dos sujeitos. A história oral pode ser compreendida como:

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p.52).

Sendo assim, neste artigo, apresentarei o Movimento Capoeira Mulher, seu histórico, objetivos e o trabalho alcançado por esses 16 anos de luta, onde me embasei no projeto escrito por Silvia Leão, idealizadora do movimento e nas entrevistas realizadas durante a pesquisa. Segundamente apresentarei a etnografia realizada por mim neste período de pesquisa onde pontuarei minhas observações e considerações sobre a participação feminina na capoeira belenense.

1. O Movimento Capoeira Mulher

O Movimento Capoeira Mulher foi idealizado por Silvia Maria Santana Leão, conhecida pela alcunha de “pé de anjo” devido ao tamanho de seus pés, assim como foi relatado por Cristiane Silva por áudio no “Whatsapp”, sua amiga e uma das primeiras integrantes do movimento; entretanto, apesar do apelido evocar delicadeza, dentro da roda “pisava era forte”. Silvia nasceu no ano de 1975. Em sequência, apresentarei um registro de Silvia jogando capoeira em seu grupo Dandara Bambula:

Foto. 1: Silvia Leão jogando capoeira



Fonte: Página da Pé de anjo no Facebook

Além de capoeirista era bailarina, atriz, estudante de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) e aluna da escola de dança da mesma universidade. Silvia gostava muito do Carnaval belenense, chegou inclusive a participar no ano de 2000, aos 25 anos de idade, do concurso Rainha das Rainhas, representando o clube dos advogados.

Sua irmã, Cristina Leão, em perguntas respondidas pelo “Whatsapp” revelou que Silvia, por mais que não participasse de movimentos feministas, lutava pelos direitos das mulheres dentro e fora da capoeira, por isso sempre a considerou feminista. Era uma mulher à frente do seu tempo: antes da criação do movimento, mulheres não podiam participar das rodas de grupos diferentes dos quais faziam parte sem a permissão de seu Mestre, devido à existência de uma hierarquia e rivalidade entre os grupos. Silvia, diante desde quadro, enxerga a problemática da rivalidade entre mulheres, sente falta da existência de professoras e Mestras, e tem a ideia de formar um movimento somente para mulheres.

A pesquisa recebeu a ajuda de Cristiane Silva e Karen (Não foi possível descobrir seu sobrenome, pois nenhuma das interlocutoras desta pesquisa lembrou nome completo), suas colegas do grupo Dandara Bambula. Possui também a ajuda de sua irmã, anteriormente citada, que na época coordenava o mandato da vereadora Sueli Oliveira do Partido dos Trabalhadores (PT), o que lhe conferia a experiência administrativa que lhe permitiu escrever o projeto do Capoeira Mulher e a organizar os encontros que aconteceriam a partir dali. Já que visitar outros grupos não era visto como “coisa de mulher”, Silvia, Karen e Cristiane passaram, então, a visita-los muitas vezes escondidas de seu Mestre.

Desde o seu nascimento e construção, os objetivos do movimento sempre foram embasados na organização das mulheres praticantes de capoeira do Estado do Pará (como foi supracitado), estimulando o intercâmbio entre grupos e o reconhecimento de Mestres e Mestras, professoras e professoras, todos que usam a capoeira como ferramenta educacional. O projeto também traz como pautas o desenvolvimento da organização feminina e a união destas às crianças e jovens contra a violência sofrida por crianças e

mulheres, seja ela física ou verbal. Conseqüentemente, o projeto desenvolve trabalho no combate ao machismo, trabalhando a autoestima e defesa pessoal.

A fim de botar estes propósitos em prática, as integrantes realizam suas atividades da seguinte forma: em um primeiro momento são identificadas as dificuldades presentes nos grupos com os quais trabalham para que, a partir disso, sejam realizadas apresentações das rodas femininas e do Maculelê, com o intuito de resgatar a origem da capoeira. Atualmente o Movimento, conta com a participação de muitas mulheres, sua coordenação é dividida em: coordenação aberta e coordenação fechada. A fechada conta com a participação de 13 mulheres, Gisele Figueira, interlocutora desta pesquisa faz parte da coordenação fechada do movimento.

Já a coordenação aberta do movimento conta com a participação de 30 mulheres somente, capoeiristas ou não, em eventos e encontros do Movimento, e para a realização desses eventos cada uma dessas 30 mulheres possuem funções específicas, como participar da organização estrutural do evento, vender água ou comida para a estrutura financeira do evento, organizar palestras e oficinas, dentre outras.

O primeiro encontro foi realizado entre os dias 10 e 12 de janeiro 2003, este marca a estreia oficial do movimento. O primeiro dia do evento se deu na Praça Waldemar Henrique com rodas simultâneas dos grupos convidados, que juntas totalizaram um número de dez. Às 19 horas, marcando a abertura do encontro, ocorreram shows e apresentações.

O segundo dia teve como palco a Aldeia Cabana, a partir das 9 horas, com conferências e debates contando com a participação do então prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues. Participaram também a vereadora Suely Oliveira, Dalva Sampaio (conselheira das mulheres do Congresso da Cidade), Fátima Matos (Conselho da Condição Feminina de Belém), Professor Augusto Leal que palestrou sobre a mulher na história da capoeira, professora Leila Melo que falou sobre a educação feminina e a capoeira, Professora Erica Cabral cuja palestra se deu acerca da Capoeira e mulher na atualidade e, por fim, a então Deputada Araci Lemos que levou para o debate sua contribuição sobre a Mulher na Cabanagem., Neste dia ainda foram ministradas oficinas de

Capoeira Angola, Capoeira Regional e a realização de uma roda ao final do dia.

No último dia do evento, dia 12 de janeiro aconteceu a grande roda de mulheres, no ver-o-peso, a partir das 9 horas da manhã, até então a maior roda de capoeira já vista, fechando complexo em pleno aniversário da cidade e contando com a presença de um trio elétrico. Apesar de todos os eventos serem organizados por mulheres, a presença masculina não foi proibida. Em seguida será apresentada uma foto registrada durante a grande roda realizada no Ver-O-Peso no ultimo dia do primeiro encontro:

Foto 2: Roda de mulheres no ver-o-peso em 2003



Fonte: Folder do 2º encontro do Movimento Capoeira Mulher

O segundo encontro foi realizado nos dias 10 e 11 de janeiro de 2004. No primeiro dia as atividades se realizaram na galeria da SUDAM, onde ocorreu uma mesa de abertura com Silvia Leão, novamente a participação de Suely Oliveira, Mestre Ferro do Pé (Presidente fundador da Associação Capoeira Vitória Régia), Ana Lúcia (Doutora em Antropologia) e Augusto Leal. Nesse mesmo dia foram ministradas oficinas de Capoeira Angola, Capoeira Regional e Maculele. No segundo dia o evento se realizou na Praça da República das 9 da manhã às 13 da tarde. Começou com rodas simultâneas e a grande roda feminina de capoeira, depois houve shows com várias atrações até as 13 da tarde.

No final do ano de 2004 no dia 11 de novembro, o Movimento Capoeira teve uma grande perda, Silvia Leão, idealizadora deste projeto, faleceu de câncer no pulmão. Uma falta que abala o Movimento e seus familiares até hoje.

O terceiro encontro ocorreu em janeiro de 2005, na escola de Educação Física e na Praça da República e foi dedicado em homenagem à memória de Silvia Leão. Durante o evento, as integrantes do movimento tocaram no berimbau duas músicas que evocavam a memória de Silvia. Foram realizados também uma espécie de “aulão” de capoeira, uma apresentação de dança afro, organizada pela cunhada de Silvia. A letra da música “Moleque Atrevido” do cantor Jorge Aragão, tendo substituído o substantivo “moleque” por “moleca”, foi recitada por Dileuza Correa, integrante do movimento. Em mais uma homenagem à “Pé de Anjo”, uma grande televisão foi levada pra exibir suas fotos.

O quarto encontro aconteceu no dia 11 e 12 de março de 2006 no Ginásio Abacatão em Ananindeua e contou com a participação na mesa de abertura de Cristina Leão, Deputada Araci Lemos; houve depoimentos dos colabores e convidados do encontro, que ocorreu às 14 horas. As 14 horas e 30 minutos ocorreram shows de capoeira de grupos convidados e uma apresentação da orquestra de berimbau do Movimento Mulher Capoeira. Diversas oficinas de instrumentos e musicalização, Maculelê, capoeira angola e regional foram ministradas, e este dia contou ainda com rodas simultâneas. O segundo dia, por sua vez, ocorreu no anfiteatro da Praça da República e contou com a apresentação da orquestra de berimbau e de Maculelê. O evento foi finalizado com rodas simultâneas.

O quinto encontro aconteceu nos dias 25 e 26 de agosto de 2007 na Praça do Carmo, na Cidade Velha com o tema “Respeitando as Diferenças”. Para a abertura do evento, houve os depoimentos e agradecimentos dos patrocinadores. Houve rodas simultâneas, maculele livre e rodas mistas. O segundo dia ocorreu no teatro Waldemar Henrique e houve apresentações das orquestras, oficina de berimbau ministrada pelo Mestre Ferro do Pé, rodas femininas organizadas e comandada pelo movimento e as rodas masculinas coordenadas pelo movimento e comandadas pelo Mestrando John na época.

A respeito do sexto e sétimo encontro, tive dificuldades de obter informações devido à falta de tempo da interlocutora da pesquisa, onde não pude ter acesso ao portfólio, que está em suas mãos, no qual constam informações sobre o Movimento. No momento em que nos encontramos para a

realização da entrevista, a mesma não possuía as informações sobre os encontros memorizadas.

O oitavo encontro foi realizado nos dias 9 e 10 de janeiro de 2015 no Colégio Triunfo. No primeiro dia aconteceu a abertura do encontro às 19:00 com uma roda livre de capoeira e um passeio de ônibus pela cidade de Belém intitulado “Luzes da Cidade”. No segundo dia ocorreu oficinas de lenço com o tema “Contra o câncer de mama”, oficina de capoeira com o Mestre piauiense FU-PAGÔ do grupo Raízes do Brasil e oficina de Maculelê com a professora cearense Bia do grupo Cordão de Ouro. Às 19:00 ocorreu a roda de capoeira com o tema “SE TOQUE, para salvar sua vida. E por fim, às 21:00 o encerramento do encontro com os parabéns pelos 13 anos do Movimento.

O 9º encontro do movimento aconteceu nos dias 11 e 12 de março de 2017 em comemoração aos 15 anos do Movimento, e tinha como tema “15 anos de resistência: pelo empoderamento da mulher, na arte, na luta e na sociedade”. O primeiro dia aconteceu a partir das 14:00 na quadra do CIC (Centro de Integração e Cidadania) onde ocorreu a oficina de primeiros socorros que foi ministrada pelo Mestre Chaguinha, logo após ocorreu o momento “Fala Mulher” onde as mulheres da coordenação faziam perguntas para pessoas pré selecionadas, depois ocorreram vivências de capoeira, primeiramente com professora pernambucana Gabi do grupo Angoleiros do Sertão e depois com a monitora Elaine do grupo Dandara Bambula de Parauapebas e por fim a grande roda de capoeira para encerrar o primeiro dia de evento.

O segundo dia foi enfim a festa de comemoração dos 15 anos. Foi realizada às 12:00 no sítio Rainbown. Foi uma festa à fantasia, com feijoada e muita diversão. As mulheres da coordenação do Movimento entram em acordo quanto ao traje que usaria na festa: roupa de Cabaré. Fariam então uma crítica ao modo como foram chamadas por anos. Em entrevista, Gisele Figueira (Tsunami) explica:

que nos vestimos de cabaré? Porque todas nós escolhemos uma roupa de cabaré? Todo mundo. As meninas da coordenação tinha que ser com roupa de cabaré, cada uma com a sua roupa. Acabou que todas foram na mesma vibe. Porque, por muitos e muitos e muitos anos, fomos taxadas de putas, de prostitutas, de o termo vulgar, sapatão, tudo o que tu possas imaginar já chamaram a gente entendeu? Então

a gente pôs uma crítica né? Usando roupa de cabaré. É simples! Pra gente, pelo menos falando por mim, por algumas, a palavra puta designa a outra coisa. Não nos ofende. Não ofende a gente. A gente utilizou as fantasias, representativo né? Pra dizer tá aqui ó “15 anos de cabaré”. Entendeu? (Informação verbal)

Eu, enquanto pesquisadora, participei do primeiro dia do 9º encontro, porém, neste primeiro momento preferi apresentar apenas os dados de data, local e programação de todos os encontros. Minhas observações serão relatadas no decorrer deste artigo.

A interlocutora afirma que o retorno que o Movimento recebeu com este trabalho não foi financeiro, mas social. De que forma? O primeiro ganho foi um fato já citado anteriormente. Unir mulheres que eram rivais, pois seus grupos também eram rivais, unir mulheres que não se toleravam nas rodas de capoeira. O movimento mostrou que é possível lutar pelo mesmo ideal sem desrespeitar a hierarquia da capoeira, que é possível lutar juntas pelo respeito e reconhecimento da mulher.

Outro ponto que o trabalho do Movimento conseguiu foi fazer com que as mulheres na capoeira conseguissem se impor e falarem o que pensam. Esse exercício é feito nos próprios eventos do Capoeira Mulher. Hoje, ao menos nos eventos as mulheres conseguem comandar os instrumentos, coisa que não era feita em seus grupos de origem. A mulher, hoje, consegue escrever músicas e fazer eventos femininos em seus grupos.

Quando em entrevista perguntei como ela observa o machismo na capoeira ela respondeu que:

eu percebo? Quando um cara chega pra mim, um professor chega assim pra mim “vem cá! É... você namorou com um instrutor então você tem que ficar com um professor. Namorou com um instrutor porque tu não fica com um corda mais alta?” Não é machismo não? Entendeu? Quando um Mestre chega pra ti e fala que ele quer teu corpo. Então eu digo assim “Mestre me respeite!” Né? “E aí minha nega, tô brincando mas se você aceitar...” Né? E assim... brincadeiras a parte e a gente dá limites pra algumas pessoas. E pra outras não, mas tipo, você não... eu nunca dei esse tipo de liberdade pra ninguém, entendeu? O machismo da capoeira, está quando um cara chega num grupo de Whatsapp e coloca assim... “O que vocês acham dessas meninas que ficam com os capoeiristas? Quem ficam namorando com os capoeiristas por aí? O que vocês acham dessas mulheres?” Eu acho que... cada um vive a sua vida?! Entendeu? (Informação verbal)

Nesta fala acima podemos perceber o tipo de machismo existente na capoeira onde os Mestres e os outros homens tentam controlar as mulheres através do assédio sexual e verbal. O Movimento Capoeira Mulher luta diariamente contra esses tipos de machismo dentro dos grupos de capoeira.

2. Começa a etnografia

Nesse segundo momento, irei tratar dos passos que fiz durante a minha pesquisa, os que deram suporte para que eu realizasse minha etnografia, a qual será tratada aqui. Primeiramente tratarei do dia 07 de setembro de 2016, o meu primeiro encontro com o objeto de pesquisa. Em segundo momento, relatarei minhas observações realizadas na mesa redonda sobre a mulher na capoeira, a qual fazia parte da programação do I Colóquio sobre Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais do IPHAN. Em terceiro momento, será tratada a roda de capoeira realizada pelo movimento em comemoração à maestria de Silvia Leão e ao aniversário do Movimento. Por fim abordarei minhas observações do 9º encontro do Movimento Capoeira Mulher.

2.1 7 de setembro: O primeiro contato

Nacionalmente conhecido, o dia 7 de setembro foi marcado pela independência do Brasil. Por esse motivo todos os anos ocorrem desfiles militares por todo o país e em Belém não é diferente. Paralelamente a eles acontece o Encontro Municipal de Capoeira, na Praça da República, em comemoração à primeira roda de capoeira em Belém que ocorreu no dia 7 de setembro de 1975.

Sendo assim, escolhi o dia 7 de setembro de 2016 para enfim começar o campo desta pesquisa, pois sabia que na praça estariam reunidos vários grupos da cidade e que assim escolheria, a partir da observação, qual se encaixaria melhor no objetivo da minha pesquisa, já que no início meu objetivo era escolher um grupo misto de capoeira e comparar seu trabalho com o trabalho exercido pelo movimento, para assim perceber as relações de gênero.

Cheguei à Praça da República às 9 da manhã com um caderno de caderno de campo para registrar minhas observações. Caminhei pela praça e não

demorou muito para que eu encontrasse a primeira roda de capoeira, na qual instantaneamente percebi a assimetria de gênero: as mulheres estavam em pé batendo palma e cantando enquanto os homens estavam na orquestra da roda comandando e jogando. Logo, uma apareceu na roda para jogar, deu uns golpes em um rapaz e logo foi cortada para dar lugar a outro homem. Na orquestra da roda não havia nenhuma mulher e isso também me chamou a atenção. Fiquei observando esta roda por mais uns 15 min e então continuei caminhando em busca de outros grupos.

Caminhei e continuei encontrando vários grupos de capoeira. Percebi que o encontro se tratava de vários grupos espalhados por toda a praça e não somente concentrados em um só espaço dela. A respeito deste ponto, tomo liberdade para inferir, que esta configuração espacial pode remeter a um traço da rivalidade existente entre esses grupos. Logo encontrei a roda do grupo Norte Brasil, no qual Gisele Figueira é instrutora. Como já a conhecia de fotos da rede social *Facebook*, rapidamente a identifiquei. Esperei que saísse da roda um instante para que eu pudesse chama-la para conversar. Quando saiu, me aproximei e perguntei se ela era Gisele Figueira do Movimento capoeira Mulher. Como já havíamos mantido contato através da supracitada rede social um dia antes do evento, para que eu soubesse onde se encontraria o movimento, fui reconhecida e recebi sua confirmação. Depois disso, Gisele disse que me levaria para conhecer alguém. Andamos até encontrarmos Solange Godinho (Batatona) e Maria Zeneide Gomes conversando. Gisele me informou que Solange era integrante do grupo Abadá capoeira e fazia parte do movimento, já Maria Zeneide havia sido capoeirista e também estava pesquisando tema semelhante ao meu.

Gisele voltou para a roda do Norte Brasil e fiquei conversando com Solange “Batatona” e Maria Zeneide. Enquanto conversávamos contei para elas do que se tratava a minha pesquisa e então Solange “Batatona” comentou sobre sua importância por tratar da questão de gênero que remete a situações como, por exemplo, mulheres precisarem sair da capoeira quando engravidavam para que pudessem cuidar da família ou, muitas vezes, serem chamadas de “sapatão” por jogarem capoeira. Quando ela também foi para a roda do grupo

Abadá capoeira fui caminhar um pouco com Maria Zeneide para observarmos juntas as rodas na praça.

Enquanto caminhávamos, ela me apontou o que eu também já havia percebido, a disparidade de gênero nas rodas, e me disse que o evento não tinha hora para terminar, pois a capoeira é assim. Ela me orientou quanto à minha pesquisa, me sugerindo que talvez eu não devesse estudar um grupo misto somado ao movimento, o que tornaria meu objetivo amplo demais. Zeneide aconselhou que eu trabalhasse apenas com o Movimento, pois em 16 anos de existência, nenhum estudo havia sido desenvolvido a seu respeito. Apesar de temáticas semelhantes e mesmo objeto de estudo, teríamos visões diferentes. Ficamos caminhando até as 14:00 pois estávamos cansadas, e como ela mesma disse “capoeira não tem hora pra acabar”. Então seguimos para casa.

2.2 A participação no I Colóquio sobre Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais

O I colóquio sobre Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais foi organizado e realizado no Instituto de Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) nos dias 22 e 23 de novembro de 2016. A mesa de conversa da qual participei como ouvinte, intitulada “a mulher na capoeira”, ocorreu no dia 22 às 18:00. Quando cheguei ao local encontrei logo com Zeneide, que me fez sentar nas primeiras cadeiras para que eu gravasse as falas e tirasse fotos. Ficamos esperando por Gisele, que faria parte da mesa. Quando ela chegou, a mesa estava pronta, que abordou sua pesquisa a respeito da mulher na capoeira bem como a história dessa nesta prática no município de Belém. Também discursou sobre o sistema patriarcal no século XIX, que punia essas mulheres por lutarem, prática que persiste até os dias atuais. Chamou-me a atenção na fala de Zeneide o que expôs acerca do significado do nome do grupo Dandara Bambula, no qual jogou capoeira por anos, “Olha só, Dandara Bambula, é um nome extremamente significativo, sem preme chamou a atenção, Dandara, a esposa de zumbi, Bambula, a preferida. Né? Ele tinha outras! Sempre né?”

Logo depois, a fala passou para Gisele Figueira que, representando o Movimento Capoeira Mulher, relatou a sua experiência em participar deste Movimento e os preconceitos que enfrentou. Com o intuito de abordar o início e a fundação do movimento, Gisele iniciou seu discurso falando a respeito de Silvia Leão, o que a emocionou bastante. Terminada esta etapa, fez uma espécie de resumo dos 16 anos de existência do Movimento.

A terceira a falar foi Andreza Barroso (Miudinha), do grupo Menino é bom, que contou um pouco sobre a sua história na capoeira e o machismo que ali sofreu, como ser chamada de “tia macho” pelos seus alunos nesta prática e, por fim, revelou ter sido a primeira mulher paraense campeã na capoeira fora do estado.

A quarta, Jamile Andrade (Pretta), do Grupo Berimbau Brasil, que hoje faz parte do movimento. Contou sua experiência na capoeira e revelou que no início não concordava com o Movimento por não conseguir entender seus objetivos, mas que atualmente participa e com as outras mulheres, resiste.

Por fim, a convidada baiana Mestre Janja, do grupo Nzinga de Capoeira Angola, contou sua experiência como a terceira Mestre de capoeira mulher do Brasil e quantas barreiras sociais e de gênero teve que quebrar para que continuasse na capoeira. Hoje ela, além de ser capoeirista, é pesquisadora de gênero nesta prática.

No final das falas das participantes da mesa, foi aberta a sessão de perguntas e nas respostas, Mestre Janja percebeu o quanto o nome de Silvia Leão estava presente. Desta forma, a mestra levantou-se e disse: “Vocês já tinham uma Mestre de Capoeira no estado e nem perceberam! ”. Neste momento, perguntou se todos ali concordavam que Silvia Leão fosse nomeada Mestre de Capoeira, em memória, por toda a bagagem deixada para o Movimento e para todas as mulheres capoeiristas do estado. Dando início a uma espécie de votação, pediu para que se levantassem de suas cadeiras todos aqueles que concordassem com sua sugestão. A maioria dos presentes se levantou, mas teve pessoas que ficaram sentados e de acordo com o que vi, eram homens. Tendo concordado a maioria, Mestre Janja nomeou Silvia Leão como a primeira Mestre de Capoeira do estado em memória. Todos os

presentes aplaudiram e se emocionaram bastante. No segundo dia de evento, no qual eu não estava presente, foi entregue o certificado de Mestre de Capoeira de Silvia Leão ao seu irmão, Marco Apolo.

Após o evento as mulheres do Movimento sofreram bastante repressão pelos outros Mestres, ocasionada pela nomeação de Silvia Leão. Muitos deles não estavam presentes na ocasião e, conseqüentemente, não puderam votar, fato este usado como justificativa para tal ato. Entretanto, é perceptível que a resistência oferecida se devia ao episódio de uma mulher ter se “atrevido” a nomear outra como Mestra.

2.3 Roda à Silvia Leão

A roda em comemoração à nomeação de 1º mestra de Capoeira do estado, foi realizada no dia 15 de janeiro de 2017 no anfiteatro da Praça da República. Cheguei ao local às 9h15 da manhã e apesar de o evento estar marcado para as 9h, poucas mulheres do Movimento estavam presentes. Abracei Gisele assim que a vi e fui muito bem recebida pelas demais. Sentei-me e esperei o evento começar. Logo depois, Zeneide chegou ao local, e começamos a registrar os acontecimentos e um dos exemplos é a foto a seguir

Passados quinze minutos, algumas meninas presentes começaram a testar os instrumentos tocando músicas de capoeira em uma espécie de aquecimento para a orquestra da roda. Aos poucos, os convidados foram chegando e a roda enfim se iniciou com a fala das meninas do Movimento para explanar seu significado. Em seguida, a grande roda se iniciou com jogo entre homens e mulheres.

Foto 4: Registrando a roda



Fonte: Maria Zeneide Gomes

Houve um momento em que a roda fez uma pausa e as participantes do movimento leram a letra de uma música em homenagem à Silvia; após esse momento, as meninas concederam a fala a quem quisesse se pronunciar sobre a nomeação em questão. A irmã de Silvia, Cristina, bastante emocionada, discursou sobre o acontecimento e alguns Mestres também discursaram se posicionando a favor da nomeação.

A roda de Silvia Leão foi encerrada com uma apresentação de Maculelê das mulheres do Movimento e um samba de roda. Após o fim, fiquei para observar mais um pouco o encerramento. Percebi que todos ajudaram a guardar os instrumentos e muitas pessoas parabenizavam as organizadoras do evento.

2.4 O olhar etnográfico no 9º Encontro do Movimento Capoeira Mulher

Quando cheguei à quadra, mais ou menos 10 moças já estavam presentes organizando o evento. As cumprimentei gentilmente, entregando o barbante que havia levado para ajuda-las na organização do evento, elas agradeceram e disseram que eu poderia ficar à vontade. Fiquei em pé observando a movimentação até que chegou Maíla Mescouto, outra pesquisadora que também possui o objetivo de pesquisa semelhante ao meu. Não demorou muito para que minha amiga, Crislene Ribeiro, chegasse ao local para me levar sua máquina, que me ajudaria a realizar os registros do evento. Alguns minutos depois, Zeneide também chegou para prestigiar o evento.

A programação começou com a oficina de primeiros socorros do Mestre Chaguinha, que foi uma oficina importante, mas que gerou críticas motivadas pelo fato de um homem estar ministrando uma oficina em um evento de mulheres e por ter se estendido, tomando um bom tempo do evento que já estava com a sua programação atrasada. Em seguida, ocorreu um momento que intitulado “Fala mulher”, sobre o qual fiz uma prévia anteriormente. Neste momento elas fizeram uma pergunta direcionada para um Mestre que consistia em: “Por que você acha que é mais fácil manter um homem na capoeira do que uma mulher?”. Durante sua resposta ele afirmou que a mulher sai da capoeira

muitas vezes, o marido a tira por ser bonita e afirmou concordar com esta colocação pois “mulher bonita não pode jogar capoeira”. Após a sua resposta todos que estavam presente se entreolharam assustados. Gisele respondeu pelo Movimento afirmando que nenhum homem iria tirar qualquer mulher daquele movimento da capoeira e foi aplaudida. Outro Mestre, em uma pergunta seguinte, afirmou que não é possível ensinar questões de gênero para crianças. “Mana” Josy, pedagoga e uma das convidadas presente no evento, afirmou que seria possível esta atitude dentro da capoeira e que ela poderia inclusive doar materiais para ele para que pudesse tratar dessas questões em suas aulas.

Após este momento, as vivências na capoeira se iniciaram e durante duas delas consegui perceber bastante domínio das ministrantes e interesse dos alunos, independente do gênero. Entretanto, durante a vivência da professora Gabi não foi possível perceber a interação de Mestres e alunas no exercício de duplas, apenas de Mestres com Mestres.

Considerações finais

Através da pesquisa bibliográfica e de campo pude perceber o papel do movimento que é o de visibilizar a mulher na capoeira paraense e para além dela, trabalhando as questões de autoestima e defesa física e mental contra o machismo presente nesta prática e na sociedade desde o passado.

É importante ressaltar que o trabalho realizado pelo Movimento Capoeira Mulher se torna um tipo de bagagem cultural para essas mulheres, por isso quando por algum motivo elas precisarem sair da capoeira levarão os ensinamentos adquiridos para a vida. Me agrada o fato de perceber os avanços que o trabalho deste movimento causou na história das mulheres que participam ou não dele, como o fato de não precisarem deixar a capoeira para cuidar da família, ou deixar a capoeira por conta de algum assédio moral ou verbal. A mulher na capoeira hoje consegue enfrentar os preconceitos fora e dentro da capoeira sem precisar desmerecer algo ou alguém, é perceptível que o movimento ainda precisa ser amadurecido em muitas questões, mas é notável os resultados de seus objetivos.

Referencias

ALBERTI, V. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro, CPDOC, 2003. Disponível em <link>. Acesso em: 19 jan. 2007.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, 14 abr. 1898. P.1. *Sob a epígrafe A família* apud OLIVEIRA et. al 2009, p. 139.

GUBER, 2005 apud URIARTE, 2012, p. 181.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. São Paulo: Martins, 1960. p. 271-2.

LAKATOS, Eva Maria. MACONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia**. 5 ed. São Paulo : Atlas 2003.

MAUSS, Marcel. **“As Técnicas Corporais”**. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero**. Salvador. EDUFBA, 2009.

URIARTE, Urpi Montoya. **Podemos todos ser etnógrafos? Etnografias e narrativas etnográficas urbanas**. Pontourbe11. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana USP. Ano 6. Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.pontourbe.net/edicao11-artigos/248-o-que-e-fazer-etnografia-para-os-antropologos>. Acesso em 05/05/17.